

A Busca dos  
**Loucos**

Fauno Mendonça

A Busca dos Loucos

Fauno Mendonça

2ª Edição

*preparo de originais:* Fauno Mendonça

*diagramação e capa:* Editora Motres

*revisão:* Guilherme Peixoto

---

CIP BRASIL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

---

M539a

MENDONÇA, Fauno, –

A busca dos loucos/ Fauno Mendonça. 2ª edição / Brasília  
- DF. Edição do autor, 2019.

132 p.; 14,8 x 21cm

ISBN 978-65-5001-017-1

1. Literatura Brasileira 2. Psicologia 3. Sociedade  
I. Título.

CDD B869.93

CDU 155.2-869.9

---

2019 © Fauno Mendonça

Todos os direitos são reservados de acordo com as Normas de Leis e das Convenções Internacionais. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor.

*Printed in Brazil*

**A**os eventuais leitores, faço um breve convite aos senhores para que fechem os seus olhos e adentrem no mundo invisível dos gritos do silêncio, no qual a vida é incandescente, mas iluminada por uma simples luz de vela. Convido a todos ao plano do paradoxo e das contradições fora da inércia linear das pessoas comuns. Nada será previsível e sustentável. As antíteses dos sonhos imiscuídos com os medos flutuarão e irão deixá-los cair em um abismo de fleuma e intensidade. Sejam descobertos no entorpecimento de “A Busca dos Loucos”. Nem todos suportam sua própria escuridão!

O autor



## PREFÁCIO

Existem dois tipos de livros: os que passam por nós e os que nos permitem passar por eles. Em “A Busca dos Loucos” o leitor está diante da segunda alternativa. A leitura, que começa despreziosa, aos poucos vai se intensificando em dramaticidade até que o magnetismo da narrativa visceral do autor trata de aprisionar a atenção do leitor na mais sangrenta das batalhas: o indivíduo contra ele próprio. E mais não posso adiantar, a não ser a força do adversário, conhecedor profundo de nossos medos e fraquezas. Boa leitura. E surpreenda-se.

Ailton Marques de Lima



<b>PREFÁCIO</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO I O IMPULSO</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO II O HOMEM</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO III O VÍNCULO</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO IV A TENTAÇÃO</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO V O COMEÇO</b>	<b>41</b>
<b>CAPÍTULO VI ENCONTRO</b>	<b>49</b>
<b>CAPÍTULO VII NORTE SIMPLÓRIO</b>	<b>60</b>
<b>CAPÍTULO VIII SEM MEDO</b>	<b>71</b>
<b>CAPÍTULO IX A FALA DO HOMEM</b>	<b>83</b>
<b>CAPÍTULO X A COMPREENSÃO</b>	<b>99</b>
<b>CAPÍTULO XI A BUSCA</b>	<b>104</b>
<b>CAPÍTULO XII O CAMINHO</b>	<b>109</b>
<b>CAPÍTULO XIII AMANHECEU E O ENTARDECER CHEGOU</b>	<b>122</b>





## CAPÍTULO I

# O impulso

**M**orte, maldita, incompreendida. Não sei se ela me perseguia, se o temor de seu pó me apavorava. No fundo, eu percebia que o medo não existia, mas estava tão ligado à vida que não gostaria de deixá-la assim tão facilmente. Sentia que a morte tinha existência real como a vida, pena que as pessoas não tenham tal noção. Todos lamentam a morte como um fim, entretanto ninguém questiona o próprio começo da vida como um fim de algo desconhecido. Ficam no mundo do presente, esquecem o anterior. Só há olhos para o sentido mais rude de tudo. O futuro nunca existiu, somente o passado e o presente têm existência concreta. Tudo segue o caminho retilíneo do absoluto. Talvez a morte não exista.

Há antes e depois do truculento, do trivial, um sentimento uno. O universo também é somente um todo; basta apenas visualizá-lo por formas diferentes, ângulos alternados, para ver que o absoluto é uma coisa só. As pessoas sempre pensam que a vida e a morte são coisas diversas. Pobres mortais, não veem o todo. Não creem no absoluto.

Tenho que confessar que desconsiderava a morte e isso talvez tenha posto a minha arrogância acima de minhas forças. Fosse como fosse, desafiava a maldita em todo momento, precisava daquilo. Nos momentos de pura ilusão e loucura, lembrava apenas das formas reais ao meu redor e ficava com remorso em deixá-las. Mas, não adiantava, buscava tudo. Queria tudo. Hormônios dos demônios me dominavam. Arriscava. A vida, a natureza, dava-me o que queria, mas tinha um preço: a morte.

Lutava para me controlar e quando estava calmo apenas pensava e criava dilemas. Pensamentos que sempre me conduziam a minha necessidade de vislumbrar algo desconhecido, minhas energias sempre

eram canalizadas para o máximo, pois minha vida era reduzida ao nada. Não havia muito nexo. Um abismo existia e o fundo era aquilo que talvez pudesse me conduzir para a luz. Que paradoxo. Das trevas à luz. Queria muitas coisas, buscava de modo incessante e não achava, mas sabia que existia. Queria luz dia e noite. Não queria luz brilhante para cegar meus olhos e nem luz suficiente para arder minha pele. Queria apenas aquecer a minha alma pesada e afugentar os elementos da escuridão que ficavam ao meu redor me torturando incessantemente.

A compreensão da vida era minha busca sem fim, mas não sabia nem mesmo como a procurar. Era vazio demais para entender a vereda correta e isso me tornava um errante, sem forças para ter a possibilidade e a coragem de olhar para a verdadeira luz. Não tinha um caminho reto. Queria ser autossuficiente, mas diante do espelho só via um abismo escuro e profundo.

Será que alguém teve a benevolência de saber como é se sentir assim? Será que a compreensão verdadeira tem o mesmo significado para todos? Jamais alguém deveria passar por aquilo que eu sentia. Era muita opressão. Nem o pior dos algozes merecia tamanha dor. Precisava tentar experimentar a vida plena. Precisava fazer parte do absoluto.

Flores da morte, assim que eu via o risco. Guiavam-me dando força e alento, tentando superar o “normal”. A beleza do desconhecido tomava conta de minha alma, precisava entregar-me. Sofria como um miserável dentro da mediocridade de tudo. Precisava de mais. Pedia, rogava para que me mostrassem a compreensão do sofrimento e da luz. Dilema da natureza que produzia em mim uma armadilha mortal. A busca de algo em detrimento de outra coisa. Uma contraprestação. Entregando para receber. O caminho que eu havia traçado tinha espinhos; rosas seriam apenas esporádicas.

Estava cansado. Cansado como sempre. Um cansaço insone que nunca me abandonava. Naquele dia caminhava sem rumo e a cidade sempre me acalentava, o ruído do mundo era o som de meus sons. Mas não adiantava, só isso não resolvia nada. Continuava indo, lembrando-me de tudo e todos, mas naquele dia a entrega seria necessária.

Minhas forças já tinham dono. Não suportava a minha agônica existência trivial. O contrato de união do entendimento entre a vida e a morte estava selado. Fascinante era a busca da compreensão mesmo para aqueles que não conheciam seu caminho, mas ainda era a própria compreensão. Não sabia ao certo se a teria, mas acreditava. Tinha fé. Fora prometido a mim.

A vontade de viver intensamente e buscar aquilo que todos temem foi fatal para minha escolha. Aliás, a escolha dele. Sua voz maldita ou bendita sempre me perseguia, atormentava-me em sonhos e conturbava meus dias. Não tinha convicção se estava ficando louco e se ele realmente tinha vida como a minha. Poderíamos ser parecidos em nossas fragilidades. Poderíamos ter os mesmos vícios e virtudes ou apenas, talvez eu, fosse um predestinado, um escolhido para sentir o absoluto. Talvez simplesmente estivesse enlouquecido. Não entendia quase nada, mas sabia que a minha alma tinha um peso além de minhas forças. Não conseguiria continuar a arrastá-la por muito tempo. Precisava ficar livre da dor. Queria ser livre e me sentir solto, poder voar e me entregar para sempre.

Um simples impulso e tudo estaria resolvido, mas era tão fácil. O medo é aquele monstro que aparece sem dar notícia. Ele apenas é. Ele é ubíquo, real. Quem sabe onisciente. Deveria esquecê-lo; o santo protetor deveria ser deixado em paz por um mínimo momento. Precisava de mais ânimo extremo e acabar com tudo. Pedia energias, mas sabia que muitas coisas eu também tinha prometido. Afinal, o contrato, mesmo que implicitamente, estava pactuado há tempos. Daria a luz e eu daria tudo que tinha. Porém, entregar tudo sempre era muito difícil, não foi diferente naquele momento. Mas o impulso que sempre me perseguia, mais do que nunca, aflorou com toda determinação e diferentemente das outras vezes que arriscava e entregava minha alma ao subterrâneo do desconhecido, fiz a entrega real e em um único impulso o comum foi indo embora.

Queria continuar pensando como sempre pensei, mas a perspectiva mudou abruptamente. Agora, a vida continuou, como eu sempre havia sonhado; era tudo apenas uma coisa una. A morte apenas contida na

vida. A vida contida na morte. Uma intersecção. Matemática pura. Tinha plena certeza que essa compreensão também havia me habilitado para ser aquilo que queria ser. Não bastava apenas a minha tendência natural de tentar encontrar respostas, tinha que haver a comunhão entre o nada e o tudo.

A compreensão poderia começar a fluir. De plano minha ânsia ficou tênue e a própria morte não tinha muito sentido como tinha antes. O frisson maldito em minha mente estava dormente como nos comuns. Estava em êxtase sem buscar. Isso era para mim algo desconhecido. Seria a paz desejada?

Será que o comum era tão interessante? Já começava a acreditar que era de fato amaldiçoado por sentir aquilo que todos normalmente sentem, apenas após rogar e entregar-me. Dúvidas à parte, curtir aquela dormência era fascinante. Não queria lembrar do passado ou questionar o futuro. Apenas sentir o meu presente vagando livremente entre as sombras das nuvens. Mas os pensamentos passavam como em um filme, lembranças e sentimentos nasciam e morriam rapidamente, não tinha controle sobre isso, eles apenas passavam, não de modo aleatório, tinham coerência, começo, meio e fim.

Mas o mais importante: o primeiro passo fora dado, apenas deveria seguir o resto naturalmente. O impulso solitário levou-me a horizontes fora daquilo que se conhece. Talvez eu fosse o único, apenas talvez.

A vida, a maldita, mesmo por outra perspectiva, precisava continuar nas suas atitudes lineares. Reta. Portanto, restava-me apenas viver e descobrir o verdadeiro sentido de tudo. Sabia que era diferente, assim tinha de ser. Eu pedi e tive, naquele momento havia algo desconhecido para descobrir, o incompreendido que talvez fosse devassado.

Maldita! Somente para variar, as pessoas nunca tiveram noção das palavras. Eu sempre fui afogado por esta palavra. Vivia de modo maldito. Perseguido por mim mesmo, pela minha estupidez incrustada no meu espírito como um entojado putrefato. Maldição. Conhecia-a no fundo de seu âmago. Tinha certeza que fazia parte daquilo.

Não era momento para conjecturas mais apuradas. O momento era apenas delicado. Diferente de tudo que havia vivido. Nunca era demais lembrar; estava vivo, morto-vivo; vivo-morto. Não sabia. A morte era só a extensão. Não havia escuridão, nem luz, mas ainda fazia parte objetivamente de tudo. Talvez fosse o pacto. Isso estava fora dos padrões triviais. Mas para um não comum, assim seria.

Não vivia no transe da escuridão, não estava bem ao lado da lua ou coisas do gênero. Podia somente senti-la como sempre senti, apenas havia algo mais tênue e gradual em minha alma. As coisas tinham outra dimensão. Queria saber a dimensão que todos os que de bem com a vida têm, sempre tiveram.

Estava meio perdido, não tinha dúvida disso. Não se abraçava à maldição da busca da compreensão que tanto procurava ou se entregava o meu coração para viver o normal. Por mais esquisito que fosse, nunca tive tanta harmonia em meu coração, mas pairavam dúvidas. As nojentas dúvidas, apesar de tudo, ainda me perseguiram. Desta vez não eram para o entendimento do desconhecido, mas para eu ter controle daquilo que tinha feito.

Mais do que nunca, procurei fazer as pazes comigo mesmo; já não bastava ter de enfrentar o tudo e o nada; tinha que ter o controle mínimo. Coisa que sinceramente nunca tive.

Após o impulso compulsivo, o mundo objetivamente continuou lá e eu também. Voltei para casa e tudo se encontrava como havia deixado. O gato estranhou a minha presença, mas foi se acostumando. Ele tinha uma visão diferenciada. Olhava-me de forma compenetrada e fixa, lia meus gestos e analisava minha alma. Coisa de gato. Ele tinha compreensão daquilo que eu buscava. Respostas rondavam aquele gato, pena que ele não falava. Talvez se falasse não teria feito a maluquice que fizera.

Loucuras de lado, ele de modo solitário dava-me o veredicto da insatisfação, mas me compreendia. Tinha certeza disso. Acho que no fundo gostaria de me ajudar. Ridículo, mas achava que poderia sim. Ignorei o gato e saí antes que houvesse uma reprovação mais contundente.

Fui para minha cama e pela primeira vez sonharia com a vida, porque a morte havia sido o meu sonho e a vida precisava ser sonhada como antes eu sonhava com a morte para dar extensão à vida. Na vida, sonhava com a morte para compreendê-la, para no fundo entender a própria vida. Agora, procurava apenas sonhar com a vida, porque a morte não tinha sentido.

Dormi sentindo-me como um verdadeiro ser aleatório. Não sabia o porquê, mas tinha esse sentimento comigo. Logo, evidentemente, acordei como um sonâmbulo sem entender direito os fatos de um pretérito recente. Sentia apenas que havia ganhado aquilo que não merecia ganhar. Sentia que os fatos não me conduziram à glória. Na realidade, não estava entendendo quase absolutamente nada. Não sabia se estava sonhando, se tinha apenas sonhado ou se estava meio louco, meio morto, meio vivo. Se havia feito algo porco. Mas de uma coisa eu sabia, minha cabeça estava para implodir, explodir, qualquer coisa nesse sentido; como se eu tivesse bebido sozinho um litro de vodca ordinária. Sem esquecer, ainda, a dor intensa que se espalhava por todo o meu corpo. Parecia que tinha sido espancado a noite inteira.

Água, água naquele momento era imprescindível para mim. A minha garganta estava ressecada a ponto de quase me sufocar. Observei que não era sonho ou devaneio. A realidade estava presente e tudo era concreto. Abstrações eu deixei para depois. Não tinha condições para questionamentos mentais naquele instante.

Não bastasse a dor, a sede e o corpo moído; notei que minhas costas estavam completamente cheias de vincos. Não tive dúvida que havia sido cabalmente açoitado, não tinha outra explicação; além de espancado, fui açoitado. Tinham vergões oblíquos, curvos e retos por toda as minhas costas.

Diante daquele quadro, comecei a sentir que alguma coisa extremamente estranha tinha ocorrido à noite. Não havia no quarto ou em qualquer outro local da casa qualquer sinal de que alguém pudesse ter entrado. Apenas vislumbrava que havia sido espancado a noite inteira.

Humilhado, esta é a expressão correta. Fui literalmente humilhado durante toda a noite e madrugada adentro. Pior de tudo, não notei nada. Apenas sentia na carne o peso de ter sido açoitado e espancado. Triste, mas acho que o preço da busca apenas tinha começado. Talvez, fosse apenas um aviso de que nada seria tão fácil. Facilidade não existiria, porém não imaginei que pudesse ser açoitado como um coitado; como um bicho. Levar chicotadas transversais e incisivas, definitivamente, não poderia imaginar aquilo. Mas era um fato, não tinha como fugir dele.

A noite não tinha sido curta, foi uma eternidade. Esse era o meu sentimento a partir do momento que fui refazendo as coisas. A cada instante ficava mais preocupado com a loucura que tinha feito. Afinal, a minha ânsia poderia ter sido resolvida por outras formas. Não precisava ter tomado medidas tão drásticas. Mas o mal estava feito. Vereda sem volta. Tinha que seguir em frente, minha epopeia apenas tinha começado. Se for dramática ou não, somente o tempo iria me dizer.

Para variar... Estava cansado, acordei não apenas com dores, mas cansado e precisava continuar a minha rotina, porque só assim seria capaz de descobrir o rumo reto daquele caminho tortuoso que comecei a trilhar em nome da busca de coisas que a vida não me deu chance para descobrir.

Cretina, esta era a cara daquela manhã. Olhei o Sol e ele queimou meu rosto. Acho que naquele momento notei que a minha alma, muito mais do que meu rosto, também estava queimada. Minha intuição me dizia isso.

A vida precisava continuar normalmente e a rotina, logicamente, iria dar o tom das coisas. Assim, fui ao banheiro como sempre e fiquei literalmente constrangido com a minha fisionomia. Estava um estado deplorável; não sei como, mas estava e me sentia um ser desprezível. Tentei esquecer minha condição precária. Tomei um banho demorado e coloquei minha roupa. Quando estava saindo para seguir meu caminho rotineiro, o gato desta vez saiu correndo desvairadamente. Não entendi; isso nunca havia acontecido, mas novamente tive a nítida impressão que a noite me deixou marcas, não só na carne, mas em meu próprio espírito. De espírito gato entende.

Apesar daquela manhã não ter sido para mim a mais bela, tinha a convicção que nem só por coisas estranhas eu estava passando, havia um sentimento de liberdade; aquela ânsia maldita que me perseguia aparentemente tinha ido embora. Naquele instante, um sentimento me acalentava. Sentia que coisas boas poderiam acontecer no mesmo dia.

De forma que a manhã foi se tornando mais tênue e branda. O dia transcorria de modo mais sereno. Não sentia que as coisas conspiravam contra mim. Muito pelo contrário. O dia e o Sol foram clareando as minhas ideias. De inimigos passaram a ser meus amigos confidentes. Fui entendendo o dia anterior, a decisão que tinha tomado. A entrega que havia feito. O pacto que havia aceitado. Tinha mais lucidez acerca dos meus passos. Dos meus rumos. Ainda, é lógico, tinha dúvidas. Se o caminho era o correto, não tinha essa convicção. Mas quando lembrava do meu estado de espírito anterior, sentia que o caminho não estava assim tão errado, pois a sofreguidão havia ido embora. Não tinha necessidade de fazer coisas fora dos padrões. Não precisava arriscar ou flagelar o meu corpo e aquele sentimento de busca incessante para conhecer a verdade também tinha ido embora de forma parcial, já que o fim de tudo era basicamente entender coisas que pairavam sobre meu espírito. Talvez a chance estivesse bem ao meu lado. A morte poderia me dar o sentido que a vida não me deu, mesmo sendo coisas contidas em um mesmo centro.

Tudo tinha absoluto sentido, exceto meu próprio estado de espírito. Ah, não poderia esquecer os fatos estranhos que ocorreram, mas não queria questioná-los naquele momento. Sabia que tinha todo o tempo do mundo para entendê-los. Quem sabe uma eternidade.